

Sobre a tradução dos “Rascunhos de Marx da carta à V. Sassulitch”

A tradução foi feita a partir do texto em francês da edição: *Marx-Engels Archiv. Zeitschr des Marx-Engels Institutes. Por D. Rjazanov (ed). Frankfurt/M, 1925. Pág. 309-342.* Vera Sassulitch redigiu sua carta a Marx em francês e Marx usou esse idioma não apenas para responder a ela como também para redigir os rascunhos preparatórios.

As partes do manuscrito corrigidas (riscadas) por Marx foram incorporadas ao texto, no mesmo estilo da edição preparada por Rjazanov, e aparecem indicadas com os parêntesis agudos <> e estão destacadas em caracteres diferentes. (Exemplo: de formação secundária <de origem mais recente.> A parte ‘de origem mais recente’ se encontra riscada no manuscrito.)

As partes sublinhadas do texto são do próprio autor, Marx. No caderno de rascunho não aparecem notas de rodapé, e as que aparecem nesta edição foram inseridas pelo editor do manuscrito (Rjazanov), ou por mim (E. Malagodi), e tem uma finalidade meramente informativa e elucidativa. Sempre que possível indica-se as fontes das informações adicionais, que serviram para a redação das notas. Entre colchetes [] estão os adendos colocados no trabalho de tradução, e eventualmente pela editor russo do manuscrito. Os parêntesis comuns são de autoria do próprio Marx.

A tradução teve por vezes que ser literal para permitir a percepção das diferentes formulações riscadas por Marx. Formas de tratamento foram atualizadas e simplificadas.

KARL MARX

RASCUNHOS DA CARTA À VERA SASSULITCH DE 1881

[TÍTULO EDITORIAL]

(Tradução de Edgard Malagodi e Rogério Silva Bezerra)

I

[PRIMEIRO RASCUNHO]

1) Em se tratando da gênese da produção capitalista, eu tinha dito <que seu segredo é> que existe no fundo “a separação radical do produtor dos meios de produção” (p.315, coluna I, ed. francesa do Capital) e que “a base de toda esta evolução é a expropriação dos lavradores. Ela não se realizou ainda de modo radical senão na Inglaterra... Mas todos os países da Europa ocidental percorrem o mesmo movimento”. (l.c. C. II)

Eu restringi, portanto, expressamente a “fatalidade histórica” deste movimento aos países da Europa Ocidental. E por quê? Compare, por favor, o capítulo XXXII, onde se lê:

O “movimento de eliminação que transforma os meios de produção individuais e dispersos em meios de produção socialmente concentrados, fazendo de um número grande de propriedades anãs, a propriedade colossal de alguns, esta dolorosa e espantosa expropriação do povo trabalhador – eis aí a origem, a gênese do capital... A propriedade pri-

vada, fundada sobre o trabalho pessoal... será suplantada pela propriedade privada capitalista, fundada sobre a exploração do trabalho de outrem, sobre o sistema salarial.” (p. 340, C. II)

Desta forma, em última análise, o que ocorre é a transformação de uma forma de propriedade privada em uma outra forma de propriedade privada; (o movimento ocidental). Como então esse tipo de desenvolvimento poderia se aplicar aos camponeses russos, sem que a terra, que está em suas mãos, jamais tivesse sido sua propriedade privada?

2) Do ponto de vista histórico, o único argumento sério apresentado a favor da dissolução fatal da comuna dos camponeses russos, é este:

Voltando muito atrás, encontramos por toda parte na Europa ocidental a propriedade comum de um tipo mais ou menos arcaico; ela desapareceu em todo lugar com o progresso social. Por que unicamente na Rússia poderia ela escapar do mesmo destino?

Eu respondo: porque na Rússia, graças a uma combinação única de circunstâncias, a comuna rural, ainda es-

tabelecida em uma escala nacional, pôde gradualmente ir se livrando de suas características primitivas e se desenvolvendo diretamente como um elemento da produção coletiva em escala nacional. E é justamente graças ao fato de ser contemporânea da produção capitalista que ela pode se apropriar de todas as aquisições positivas desse sistema de produção sem passar por suas peripécias horrorosas <terríveis>. A Rússia não vive isolada do mundo moderno, ela não é tampouco a presa de um conquistador estrangeiro como, por exemplo, as Índias Orientais.

Se os admiradores russos do sistema capitalista negam a possibilidade teórica de tal evolução, eu lhes colocarei a seguinte questão: para poder utilizar as máquinas, os navios a vapor, as estradas de ferro, etc., viu-se a Rússia eventualmente forçada, como foi o caso do Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica? Que eles me expliquem ainda: o que eles fizeram para introduzir em seu país num piscar de olhos todo o mecanismo de trocas (bancos, sociedades de crédito, etc.) cuja criação custou séculos ao Ocidente?

Se, no momento da emancipação, as comunas rurais tivessem tido desde o início as condições normais de prosperidade, e se, em seguida, a imensa dívida pública, paga em sua maior parte à custa dos camponeses, juntamente com as quantias enormes que foram transferidas aos “novos pilares da sociedade”, transformados em capitalistas, pela intermediação do Estado (mas retiradas sempre dos camponeses) – se todas essas somas tivessem servido ao desenvolvimento posterior da comuna rural, então ninguém sonharia hoje com a “fatalidade histórica” da destruição da comuna: todo mundo reconheceria nela o elemento da regeneração da sociedade russa e um elemento de superioridade em relação aos demais países, ainda subjugados pelo regime capitalista.

<Não é somente a contemporaneidade da produção capitalista que poderá emprestar à comuna russa os elementos de desenvolvimento.>

Uma outra circunstância favorável à conservação da comuna russa (pela via de desenvolvimento) não é apenas o fato dela ser contemporânea à produção capitalista <existente nos países ocidentais>, de ter sobrevivido até a época em que este sistema ainda se encontrava intacto, mas agora, ao contrário, ela o encontra tanto na Europa ocidental como nos Estados Unidos, em conflito com a ciência, com as massas populares, e mesmo com as próprias forças produtivas que ele engendrou <em uma palavra, que se transformou em arena de antagonismos gritantes, conflitos e desastres periódicos, que revela ao mais cego que é um sistema de produção transitório, destinado a ser eliminado pelo retorno da sociedade à [...]> Ela o encontra, em uma palavra, em uma crise que não acabará senão com sua eliminação, por um retorno das sociedades modernas ao tipo “arcaico” da propriedade comum, forma em que – como diz um autor americano¹ – absolutamente insuspeito de tendências revolucionárias, subvencionado em seus trabalhos pelo governo de Washington, – <“o plano superior”> [para quem o] “o novo sistema” para o qual tende a sociedade moderna, “será um renascimento (*a revival*) em uma forma superior (*in a superior form*), de um tipo social arcaico”. Portanto, não é preciso se assustar com o uso da palavra “arcaico”.

Mas, então, seria preciso ao menos conhecer quais são essas vicissitudes. Delas não sabemos nada². De um modo ou de outro, esta comuna pereceu em meio a guerras incessantes, externas e internas. Ela morreu provavelmente de morte violenta quando as tribos germânicas vieram conquistar a Itália, a Espanha, a Gália, etc. A comuna do tipo arcaico já não existia mais. Entretanto sua vitalidade natural está estabelecida a partir de dois fatos. Há exem-

¹ Marx se refere à obra de Lewis Morgan, *Ancient Society* (Sociedade Antiga)... Londres, 1877, p. 552.

² *A este ponto pode-se agregar o seguinte desenvolvimento, que se encontra na pág. 13 do caderno dos rascunhos:* A história da decadência das comunidades primitivas (seria um erro colocá-las todas na mesma linha; como nas formações geológicas, no que diz respeito às formações históricas há toda uma série de tipos primários, secundários e terciários etc.) está ainda por fazer. Até agora só se fez esquematizações singelas. Em todo caso, a prospecção já está suficientemente avançada para poder afirmar: 1) que a vitalidade das comunidades primitivas era incomparavelmente maior que a das sociedades semitas, gregas, romanas, etc. e, *a fortiori*, que a vitalidade das sociedades modernas capitalistas; 2) que as causas de sua decadência derivam de dados econômicos que as impediam de ultrapassar certo grau de desenvolvimento, de ambientes históricos em nada análogos ao ambiente histórico da comuna russa de hoje. <Alguns escritores burgueses, principalmente de extração inglesa, como, por exemplo, Sir Henry Maine, tem antes de tudo o objetivo de fazer mostrar a superioridade e elogiar a sociedade e o sistema capitalista. São pessoas apaixonadas por este sistema, incapazes de compreender a [...]> Lendo as histórias das comunidades primitivas, escritas pelos burgueses, é preciso se colocar em guarda. Eles não recuam <diante de nada> mesmo diante de falsificações. Sir Henry Maine, por exemplo, que foi um ardoroso colaborador do governo inglês em sua obra de destruição violenta das comunidades hindus, conta-nos hipocritamente que todos os nobres esforços da parte do governo para apoiar estas comunas fracassaram contra a força espontânea das leis econômicas.

plares esparsos dela, que sobreviveram a todas as peripécias da Idade Média e se conservaram até nossos dias, como, por exemplo, na minha terra natal, no distrito de Tréveris³. Mas, o que é mais importante é que ela tem bem marcadas suas próprias características sobre a comuna que a suplantou – comuna em que a terra arável tornou-se propriedade privada, ao passo que as matas, pastagens, terras ociosas, etc. mantiveram-se ainda como propriedade comunal – o que permitiu a Maurer, ao decifrar esta comuna de formação secundária <de origem mais recente>, pode reconstruir o protótipo arcaico. Graças aos traços característicos deste tipo, tomados de empréstimo, a nova comuna, introduzida pelos germânicos em todos os países conquistados, tornou-se durante toda a Idade Média o único lar de liberdade e de vida popular.

Se após a época de Tácito, não sabemos nada da vida da comuna <germânica> <rural> <arcaica>, nem sobre a forma ou a época de seu desaparecimento, nós conhecemos pelo menos seu ponto de partida, graças à narrativa de Júlio César. Ao seu tempo, a terra <arável> já era dividida anualmente, mas era dividida entre as linhagens <Geschlechter> e tribos das <diferentes> confederações germânicas, e não ainda entre os membros individuais de uma comuna. Na Germânia, a comuna rural <agrícola> é, portanto, o resultado de um tipo mais arcaico, ela foi o produto de um desenvolvimento espontâneo que se deu aí, em vez de ser importada toda pronta da Ásia. Neste lugar – nas Índias Orientais – nós a reencontramos também e sempre como o último termo ou o último período da formação arcaica.

Para julgar <agora> os destinos possíveis <da “comuna rural”> de um ponto de vista puramente teórico, isto é, supondo sempre condições normais de vida, é preciso agora apontar certos traços característicos que permitam fazer a distinção entre a “comuna agrícola” e seus tipos mais arcaicos.

Em primeiro lugar, as comunidades primitivas anteriores repousam todas sobre o parentesco natural de seus membros; rompendo com este vínculo forte, mas estreito, a comuna agrícola é mais capaz de se adaptar, de se ex-

pandir e de experimentar o contato com estrangeiros.

Ademais, nela, a casa e seus complementos, o pátio, constituem já propriedade privada do lavrador, ao passo que muito tempo antes da introdução da própria agricultura a casa comunal foi uma das bases materiais das comunidades precedentes.

Por fim, ainda que a terra arável permanecesse sendo propriedade comunal, ela passou a ser dividida periodicamente entre membros da comuna agrícola, de sorte que cada lavrador passou a explorar por conta própria os campos que lhe eram atribuídos; assim podia se apropriar individualmente dos frutos, ao passo que na comuna mais arcaica a produção era ainda feita em comum e apenas o produto era repartido. É claro que este tipo primitivo de produção coletiva ou cooperativa foi uma consequência da debilidade do indivíduo isolado e não [um efeito] da socialização dos meios de produção.

Compreende-se facilmente como o dualismo inerente à “comuna agrícola” pode dotá-la de uma vida vigorosa pois, de um lado, a propriedade comum e todas as relações sociais, que decorrem dela, tornam sólida a sua base, ao mesmo tempo em que a casa privada, a exploração parcelizada⁴ da terra cultivável e a apropriação privada dos frutos permitem um desenvolvimento da individualidade, incompatíveis com as condições das comunidades mais primitivas. Mas também não é menos evidente que o mesmo dualismo possa, com o tempo, tornar-se uma fonte de decomposição desta comuna agrícola. Aparte de todas as influências dos contextos hostis, por si só a acumulação gradual da riqueza mobiliária que começa pela posse dos animais (e admitindo-se mesmo a riqueza em servos), o papel cada vez mais destacado que os elementos mobiliários desempenham na própria agricultura e uma série de outras circunstâncias, inseparáveis desta acumulação – cujo detalhamento me levaria demasiado longe – atuarão como um elemento dissolvente da igualdade econômica e social, e farão nascer, no interior da própria comuna, um conflito de interesses que provoca inicialmente a conversão da terra arável em propriedade privada e que finda com a apropriação privada das florestas, pastagens, terras deso-

³ Marx nasceu e cresceu na cidade de Treveris, hoje Trier, em alemão, situada na Renânia ocidental, próxima à França, possui ruínas imponentes da época romana, como a *Porta Nigra*.

⁴ A exploração *parcelizada* não quer dizer apenas “exploração em pequenas parcelas”, mas exploração seqüenciada, o famoso cultivo trienal da terra. Usada aqui por Marx para explicar a comuna rural primitiva, pressupõe a exploração individual da terra viabilizada por um sistema coletivo de uso da terra. Assim, o camponês europeu medieval possuía parcelas em diversos campos ou áreas, cuja exploração estava submetida a um regulamento geral. Havia a rotação de culturas e a seqüência no cultivo das áreas, o que era respeitado por todos os camponeses da aldeia. Por isso, o camponês individual possuía várias parcelas, distribuídas em diversos setores ou campos agrícolas diferentes.

cupadas, etc., que, desde então, já vinham se tornando anexos comunais da propriedade privada.⁵ É por isso que a “comuna agrícola” se apresenta por toda a parte, portanto, como o tipo o mais recente da formação arcaica das sociedades, e que, no movimento histórico da Europa ocidental, antigo e moderno, o período da comuna agrícola aparece como período de transição da propriedade comum para a propriedade privada, como o período de transição da formação primária para a formação secundária. Mas quer isto dizer que em todas as circunstâncias <e em todos os contextos históricos> o desenvolvimento da “comuna agrícola” deverá seguir esta via? De modo nenhum. Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento da propriedade privada, que ela implica, triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará sobre aquele. Tudo depende de seu contexto histórico, no qual ela se encontra localizada... Estas duas soluções são *a priori* possíveis, mas para que ocorra uma ou outra se requerem evidentemente meios históricos completamente diferentes.

3) <Chegando agora ao ponto da “comuna agrícola” na Rússia, eu descarto em um primeiro momento todas as misérias que a afligem. Considero apenas as possibilidades de seu desenvolvimento ulterior que a viabilizam, bem como sua forma constitutiva e seu contexto histórico.>

A Rússia é o único país europeu onde a “comuna agrícola” se manteve em escala nacional até hoje. Ela não se encontra na situação de uma presa em mãos de um conquistador estrangeiro, como estão às Índias Orientais. Tão

pouco a Rússia é um país isolado do mundo moderno. Por um lado, a propriedade comum da terra lhe permite uma transformação direta e gradualmente da agricultura parcelizada e individualista em agricultura coletiva <ao mesmo tempo em que a contemporaneidade da produção capitalista no Ocidente, com a qual ela possui relações materiais e intelectuais...> e os camponeses russos a praticam desde então em pradarias indivisíveis; a configuração física do seu solo representa um convite à exploração mecânica em grande escala; a familiaridade do camponês com o contrato de *artel*⁶ representa uma facilidade para a transição do trabalho parcelário para o trabalho cooperativo e, por fim, a sociedade russa que tem vivido desde muito tempo às suas custas, lhe deve os adiantamentos necessários por tal transição. <Certamente, deve-se começar por colocar a comuna em estado normal sobre sua base atual, pois o camponês é, em todo canto, o inimigo de todo tipo de mudança brusca.> Por outro lado, a contemporaneidade da produção <capitalista> ocidental, que domina o mercado mundial, permite a Rússia incorporar à comuna todos as conquistas positivas elaboradas pelo sistema capitalista sem passar pelo jugo caudino⁷.

Se os porta-vozes dos “novos pilares sociais” negam a possibilidade teórica de tal evolução indicada da comuna rural moderna, pode-se revidar-lhes indagando se a Rússia se viu forçada, como o Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica para chegar às máquinas, aos navios a vapor e às estradas de ferro etc.? Serão questionados ainda, como eles fizeram para

⁵ Na página 12 deste rascunho estas idéias reaparecem, de uma forma um pouco modificada. <A parte de todas as ações do contexto hostil, o desenvolvimento gradual, o aumento dos bens mobiliários não pertencentes à comuna, mas aos seus membros particulares, como, por exemplo, os animais, e não se pode esquecer os bens móveis nas mãos dos particulares, por ex., a riqueza em animais e por vezes mesmo em servos ou escravos... O papel mais e mais acentuado que desempenha o elemento móvel na economia rural, esta acumulação pode por si só servir de elemento dissolvente...>. À parte da reação de qualquer outro elemento deletério, do contexto hostil, o crescimento gradual dos bens móveis nas mãos de famílias particulares, por exemplo, sua riqueza em animais e por vezes mesmo em servos ou escravos, esta acumulação privada é, por si só, suficiente para atuar a longo termo como elemento dissolvente da igualdade econômica e social primitiva, e fazer nascer no seio mesmo da comuna um conflito de interesses que ataca primeiramente a propriedade comum das terras aráveis e termina por levar consigo as florestas, pastos, terras livres etc. após já tê-las antecipadamente convertido em anexo comunal da propriedade privada.

⁶ *Contrato de Artel* era uma prática associativa de trabalhadores, especificamente russa, que tem a sua origem em uma remota antiguidade. Consistia de uma “uma equipe que trabalhava em conjunto, normalmente dirigida por um chefe escolhido pelo próprio grupo, e que dividia entre si o lucro final. Tratava-se de uma associação do período pré-industrial, de um sistema cooperativo tradicional, freqüentemente utilizado pelos artesãos e pelas turmas de camponeses-operários que trabalhavam fora de suas próprias aldeias de origem. Um exemplo poderia ser um grupo de trabalhadores da construção civil, vindos todos do mesmo local de origem, para construir uma casa na capital provincial. O termo relação de *artel* é utilizado geralmente para expressar todos os tipos de cooperação tradicional na produção, propriedade e arrendamento, inclusive na comuna rural camponesa (*obshchina*)”. Shanin, 1983, p. 125.

⁷ *Jugo caudino* ou jugo samnita, quer dizer, condição humilhante. A expressão vem da humilhação sofrida pelas legiões romanas em 321 A.C., após caírem prisioneiras dos samnitas (povo que habitava a península itálica, comandados por Caio Pôncio Herênio) que obrigaram a todos os soldados romanos a passarem pelo *jugo*, uma armação de três lanças inimigas. (MEW, tomo 19, p. 582).

introduzir em seu país em um piscar de olhos, todos os mecanismos de troca (bancos, sociedades por ações, etc.) cuja criação <alhures> custou séculos ao Ocidente?

Há uma característica da “comuna agrícola” na Rússia que a torna débil e lhe é hostil em todos os aspectos. É o seu isolamento, a falta de ligação entre a vida de uma comuna com a das outras, esse microcosmo localizado, que não encontramos em qualquer lugar, como característica imanente deste tipo, mas que em qualquer lugar onde ele existe tem feito surgir por cima das comunas um despotismo mais ou menos central. A federação das repúblicas russas do norte prova que este isolamento, que parece ter sido primitivamente imposto pela própria vastidão de seu território, foi em grande parte consolidada pelos eventos políticos que a Rússia haveria de sofrer após a invasão mongol. Hoje isto representa um obstáculo de fácil eliminação. Bastaria somente substituir a ВОЛОСТЬ (Volost), o instituto governamental, por uma assembleia de camponeses escolhidos pelas próprias comunas, servindo de organização econômica e administrativa de seus interesses.

Uma circunstância muito favorável do ponto de vista histórico para conservação da “comuna agrícola” pela via de seu desenvolvimento ulterior, é o fato dela ser não apenas contemporânea da produção capitalista ocidental <de sorte que ela> podendo assim se apropriar dos frutos sem se submeter a seu modus operandi, já que ela pôde sobreviver à época em que o sistema capitalista se apresentava ainda intacto, e além disso, agora o encontra, tanto na Europa ocidental como nos Estados Unidos, em luta com as massas trabalhadoras, com a ciência e com as próprias forças produtivas que ela engendrou – em uma palavra, em uma crise que acabará por sua eliminação, por um retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” da propriedade e da produção coletiva.

Entende-se que a evolução se fará gradualmente e que o primeiro passo será o de colocá-la nas condições normais sobre sua base atual.

<E a situação histórica da “comuna rural” russa é uma situação ímpar! É a única na Europa que se manteve, não como restos esparsos, à semelhança de raras e curiosas miniaturas em estado de tipo arcaico que se encontravam até bem pouco tempo em alguma parte no ocidente, mas como forma quase predominante da vida popular e espalhada por um imenso império. Se ela possui na forma da propriedade comum do solo, a base <natural> da apropriação coletiva, seu contexto histórico, a contemporaneidade da produção capitalista, lhe propicia, já totalmente prontas, as condições materi-

ais de trabalho coletivo em uma vasta escala. Ela está então em condições de incorporar os ganhos positivos produzidos pelo sistema capitalista sem ter que passar pelo jugo caudino. Ela pode gradualmente suplantará a agricultura parcelizada pela grande agricultura com a ajuda de máquinas, para o que a configuração física da terra na Rússia representa um convite. Ela pode, portanto, tornar-se o ponto de partida direto do sistema econômico, ao qual tende hoje a sociedade moderna e lhe dar nova roupagem, sem ter que cometer suicídio. Seria preciso, ao contrário, começar por colocá-la em seu estado normal.>

<Mas não existe apenas um dualismo a ser descartado no interior da comuna rural, que ela poderia descartar por...>

Mas frente a ela se levanta a propriedade fundiária tendo em suas mãos quase a metade, e a melhor parte, do solo, sem mencionar os domínios do Estado. É por esse lado que a conservação da “comuna rural”, pela via de sua evolução ulterior, se confunde com o movimento geral da sociedade russa, cuja regeneração pressupõe justamente esse preço.

<Mesmo do ponto> Mesmo do ponto de vista puramente econômico, a Rússia pode sair de seu [...?...] agrícola através da evolução de sua comuna rural; ela experimentaria em vão uma saída através <pela introdução do> do arrendamento capitalista à moda inglesa, ao qual se opõem (em conjunto) todas as condições rurais do país.

<Também não será, senão no contexto de um levante geral, que possa quebrar o isolamento da “comuna rural”, a falta de ligação da vida de uma comuna com a das demais, em uma palavra, com o seu microcosmo localizado, que a impede <toda> de uma iniciativa histórica.>

<Teoricamente falando, a “comuna rural” russa pode, portanto, conservar seu solo – e desenvolver a sua base, a propriedade comum da terra, e eliminar o princípio da propriedade privada, o que ela também já pressupõe; ela pode tornar-se um ponto de partida imediato do sistema econômico ao qual tende a sociedade moderna; ela pode dar uma roupagem nova, sem ter que cometer suicídio; ela pode se apropriar dos frutos, dos quais a produção capitalista abasteceu fartamente a humanidade, sem ter que passar pelo regime capitalista, regime que, considerado do ponto de vista unicamente de sua duração possível, conta apenas em termos da vida da sociedade. Mas é preciso descer da teoria pura para a realidade russa.>

Abstração feita de todas as misérias que atormentam no presente a “comuna rural” russa, e não considerando senão a sua forma constitutiva e o seu contexto histórico, é primeiramente evidente que uma de suas características fundamentais, a propriedade comum do solo, constitui a sua base natural de produção e de apropriação coletiva. Ademais, a familiaridade do camponês russo com o con-

⁸ No terceiro rascunho encontra-se no lugar correspondente a palavra: *impasse*.

trato de artel lhe facilitaria a transição do trabalho parcelário ao trabalho coletivo, que ele já pratica em certo grau nos pradarias indivisas, nas atividades de drenagem e outras tarefas de interesse geral. Mas para que o trabalho coletivo possa suplantar o trabalho parcelário – forma de apropriação privada – na agricultura propriamente dita é preciso duas coisas: a necessidade econômica de tal transformação e as condições materiais para realizá-la.

Quanto à necessidade econômica ela se fará sentir pela “comuna rural” já nos primeiros momentos em que ela seja colocada em condições normais, ou seja, no momento que o peso que pesa sobre ela tiver sido suprimido e os lotes a serem cultivados passem a ter uma extensão normal. Já passou o tempo em que a agricultura russa reclamava apenas de terra, e seu lavrador parcelário equipados de instrumentos mais ou menos primitivos <e a fertilidade da terra>... Esse tempo passou tão mais rapidamente quanto a opressão do lavrador que infecta e esteriliza a sua lavoura. Falta-lhe agora o trabalho cooperativo, organizado em grande escala. Ademais, ao camponês desprovido das coisas necessárias para o cultivo das suas três *deseatinas*, estaria ele em melhores condições se tivesse dez vezes mais *deseatinas*?⁹

Mas as ferramentas, os insumos, os métodos agrônômicos, etc., todos os meios indispensáveis ao trabalho coletivo, onde poderão ser encontrados? Eis aí, precisamente, a grande superioridade da “comuna rural” russa sobre as comunas arcaicas do mesmo tipo. Apenas ela, na Europa, se manteve em uma escala vasta, nacional. Ela se encontra deste modo, colocada em um contexto histórico, onde a contemporaneidade da produção capitalista lhe coloca todas as condições do trabalho coletivo. Ela está, inclusive, em condições de incorporar as conquistas positivas obtidas pelo sistema capitalista sem passar pelo jugo caudino. A configuração física da terra russa representa um convite à exploração agrícola com a ajuda de máquinas, organizada em uma vasta escala, <nas mãos> manejada pelo trabalho cooperativo. Quanto aos primeiros custos de estabelecimento – custos intelectuais e materiais – a sociedade russa os deve à “comuna rural”, à custa da qual tem vivido há longo tempo, e na qual deverá procurar seu “elemento regenerador”.

A melhor prova que este desenvolvimento da “comuna rural” corresponde à corrente histórica de nossa época é a crise fatal sofrida pela produção capitalista nos países euro-

peus e americanos, onde tomou um grande impulso, crise que acabará por provocar a sua eliminação, através do retorno da sociedade moderna a uma forma superior de tipo mais arcaico – produção e a apropriação coletiva.

4) <Descendo da teoria para a realidade, ninguém poderá dissimular que a comuna russa se encontra hoje frente a frente com uma conspiração de forças e interesses poderosos. À parte de sua exploração incessante pelo Estado, este facilitou, à custa dos camponeses, a instalação de certa parte do sistema capitalista – a bolsa, os bancos, as estradas de ferro, o comércio...>

Para poder se desenvolver, é preciso antes de tudo viver, e ninguém poderia dissimular o fato de que, neste momento, a vida da “comuna rural” esteja sob perigo.

<Você sabem perfeitamente que hoje a própria existência da comuna russa está colocada sob perigo por uma conspiração de interesses poderosos. Esmagada pela extorsão direta do Estado, explorada fraudulentamente pelos intrusos capitalistas, comerciantes, etc., e pelos proprietários fundiários, ela está sendo minada por cima do mercado pelos usureiros das aldeias, pelos conflitos de interesses surgidos provocados em seu próprio interior devido à situação em que a colocaram.>

Para expropriar os lavradores não é necessário expulsá-los de sua terra como se fez na Inglaterra e em outras partes; não é tampouco necessário abolir a propriedade comum por um *úkase*.¹⁰ Basta arrancar dos camponeses o produto do seu trabalho agrícola além de uma determinada medida e, apesar da sua polícia e de vosso exército vocês não terão êxito em prendê-los nos campos. Nos últimos tempos do império romano, os decuriões provinciais, não os camponeses mas os proprietários fundiários, fugiram de suas casas, abandonaram suas terras, se venderam mesmo como escravos, e tudo isso para se desfazerem de uma propriedade que não era mais que um pretexto oficial para os espoliarem sem dó nem piedade.

Desde a assim chamada emancipação dos camponeses, a comuna russa foi colocada pelo Estado em condições econômicas anormais, e depois deste tempo não parou de oprimi-la com as forças sociais concentradas em suas mãos. Extenuada pela taxaço fiscal, ela se tornou uma matéria inerte, de fácil exploração pelo tráfico, pela propriedade fundiária e pela usura. Essa opressão vindo de fora desencadeou, no seio mesmo da comuna, o conflito de interesses já presente, e desenvolveu rapidamente seus germes de decomposição. Mas isso não é tudo. <Às cus-

⁹ Deseatina, aliás, *desjatin*, antiga medida de superfície na Rússia, que corresponde a 1,095 hectare. (Shanin, 1983, p.125).

¹⁰ Édito ou decreto imperial.

tas dos camponeses, ele impulsionou como em uma estufa as ex-crescências mais fáceis de se aclimatar do sistema capitalista, a bolsa, a especulação, os bancos, as sociedades de ações, as estradas de ferro, empresas para as quais o estado cobre o déficit e cujos lucros são antecipados aos empresários, etc., etc.> Às custas dos camponeses, o Estado <deu a sua ajuda para fazer> fez se desenvolver <como> em uma estufa os setores do sistema capitalista ocidental que, sem desenvolver de forma alguma as premissas produtivas da agricultura, são as mais apropriadas para facilitar e precipitar o roubo de seus frutos pelos intermediários improdutivos. Ele cooperou deste modo para o enriquecimento de um novo verme capitalista, sugando o sangue da já tão empobrecida “comuna rural”.

...em uma palavra, o Estado <tem se prestado como intermediário> emprestou suas competências ao desenvolvimento precoce dos meios técnicos e econômicos os mais próprios a facilitar e a precipitar a exploração do lavrador, ou seja, da maior força produtiva da Rússia, e a enriquecer os “novos pilares da sociedade”.

5) <Compreende-se à primeira vista que a atuação conjunta dessas influências hostis que favorecem e precipitam a exploração dos lavradores, a maior força produtiva da Rússia.>

<Compreende-se à primeira vista que a atuação conjunta dessas influências hostis, salvo se houver uma reação poderosa, conduziria fatalmente somente pela força das coisas à ruína da comuna.>

Esse concurso de influências destrutivas, a menos que seja quebrado por uma poderosa reação, deve naturalmente desembocar na morte da comuna rural.

Mas a gente se pergunta: por que todos esses grupos de interesse (eu incluo as grandes indústrias, colocadas sob a tutela governamental), que tiram tanto proveito da situação atual da comuna rural, por que sabidamente eles estão conspirando para provocar a morte da galinha dos ovos de ouro? Precisamente porque sentem que este seu “estado atual” não é mais sustentável, e que por consequência o modelo atual de exploração <já não é mais> já não estará mais na moda. A miséria do lavrador já infectou a terra, e esta se esterilizou. As boas colheitas <que as estações mais favoráveis lhe propiciam em alguns anos> se compensam pelos períodos de fome. Em lugar de exportar, a Rússia tem que importar cereais. A média dos últimos dez anos revelou uma produção agrícola não somente estagnada, mas em redução. Finalmente, pela primeira vez a Rússia deve importar cereais em vez de exportar. Portanto, não há mais tempo a perder. Portanto, é preciso acabar com ela. Deve-se constituir em classe média rural a minoria mais ou menos favorecida dos camponeses, e con-

verter a maioria em proletários comuns e correntes <em assalariados>. Para este fim, os porta-vozes dos “novos pilares sociedade” denunciam as feridas que eles mesmos causaram à comuna, como sintomas da decadência dela.

Uma vez que interesses diversos e, sobretudo, aqueles dos “novos pilares sociais”, que se formaram sob o império bondoso de Alexandre II, retiraram sua parte do estado atual da “comuna rural”, por que viriam eles agora, conscientemente, conspirar para provocar a sua morte? Porque seus porta-vozes denunciam feridas infringidas a ela, como as tantas provas irrefutáveis de sua caduquice natural? Por que querem eles matar a sua galinha dos ovos de ouro? Simplesmente porque os fatos econômicos, cuja análise me levaria demasiado longe, desvendam o mistério que o estado atual da comuna não é mais sustentável, e que pela própria necessidade das coisas o modelo atual de exploração das massas populares não estará mais nas exigências do tempo. Então é preciso algo novo, e a novidade, insinuada sob as formas mais diversas, retorna todo dia a isto: abolir a propriedade comum, deixar que a minoria mais ou menos favorecida dos camponeses se constitua em classe média rural, e em converter a grande maioria dos camponeses em proletários totalmente apropriados.

<Não se pode dissimular que> De um lado, a “comuna rural” está reduzida quase à beira da decadência, e do outro, uma conspiração poderosa lhe espera, a fim de lhe dar o golpe de misericórdia. Para salvar a comuna russa, é preciso uma revolução russa. De resto, os detentores da força política e social estão dando o melhor de si para preparar as massas para semelhante catástrofe. Ao mesmo tempo em que sangram e torturam a comuna, que esterilizam e pauperizam suas terras, os lacaios literários dos “novos pilares da sociedade” apontam ironicamente para as feridas que lhe foram infringidas como os tais sintomas de sua decrepitude espontânea e incontestável, e declaram que ela está morrendo de uma morte natural, e que fariam um bem em abreviar sua agonia. Aqui não se trata mais de um problema a resolver, mais um inimigo a derrotar. Não é mais um problema teórico; <é uma questão a resolver, é simplesmente um inimigo a vencer.> Para salvar a comuna russa, é preciso uma revolução russa. De resto, o governo russo e os “novos pilares sociais” tem feito o melhor que podem para preparar as massas para tal catástrofe. Se a revolução se fizer no tempo oportuno, se ela concentrar todas as suas forças <se a parte inteligente da sociedade Russa> <se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país>, para assegurar o livre desenvolvimento da comuna rural, esta

se desenvolverá logo em um elemento de regeneração da sociedade russa e como um elemento de superioridade em relação aos países subjogados pelo regime capitalista.

II [SEGUNDO RASCUNHO]

I. Eu mostrei no “*Capital*” que a <transformação> metamorfose da produção feudal em produção capitalista teve como ponto de partida a expropriação do produtor, e mais particularmente que “a base de toda essa evolução é a expropriação dos lavradores” (p.315 da edição francesa). Eu continuo: “Ela (a expropriação dos lavradores) não se completou de uma maneira radical senão na Inglaterra... Todos os outros países da Europa Ocidental seguem o mesmo movimento”. (l.c.)

Por isso <ao escrever estas linhas> eu restringi expressamente <o desenvolvimento ocorrido> esta “fatalidade histórica” aos “países da Europa ocidental”. Para não deixar a menor dúvida acerca de meu pensamento, eu digo na pág. 341:

“A propriedade privada como antítese da propriedade coletiva, só existe ali onde as... condições exteriores do trabalho pertencem a particulares. Mas na medida em que estes sejam os trabalhadores ou os não trabalhadores, a propriedade privada muda de forma.”

Assim o processo, que eu <descrevi> analisei, substituiu uma forma da propriedade privada e fragmentada dos trabalhadores pela propriedade capitalista¹¹ de uma ínfima minoria (l.c., p. 342), fez assim substituir uma espécie de propriedade por outra. Como <se aplicaria> poderia se aplicar à Rússia, onde a terra não é e nem jamais foi a “propriedade privada” do lavrador? <Em todo caso, os que crêem na necessidade histórica da dissolução da propriedade comunal na Rússia não podem de modo nenhum provar esta necessidade recorrendo à minha exposição da marcha fatal das coisas na Europa ocidental. Ao contrário, eles teriam que apresentar argumentos novos, e completamente diferentes dos argumentos que apresentei. A única coisa que eles podem captar em minha obra é o seguinte:> Portanto, a única conclusão fundamentada que eles poderiam retirar da marcha das coisas no ocidente, é a seguinte: para estabelecer a produção capitalista na Rússia, ela deve come-

çar por abolir a propriedade comunal e expropriar os camponeses, isto é, a grande massa do povo. De resto, é isto o que desejam os liberais russos, <que desejam naturalizar a produção capitalista em sua terra, e conseqüentemente os interesses deles mesmos, transformar em simples trabalhadores assalariados a grande massa dos camponeses>, mas teria eventualmente este seu desejo gratuito um poder maior do que o desejo de Catarina II <de enxertar> de implantar em solo russo o regime ocidental dos ofícios da Idade Média?

<Como a terra nas mãos dos lavradores russos é sua propriedade comum e jamais foi sua propriedade privada [...]>

<Na Rússia, onde a terra não é, e nem nunca foi, “propriedade privada” do lavrador, a <<transformação>> metamorfose <<dessa>> de tal propriedade privada em propriedade capitalista <<não tem qualquer sentido>> <<é impossível>> está, portanto, fora de questão. <<A única conclusão que se poderá tirar será esta [...]>> <<A partir dos acontecimentos ocidentais poder-se-ia apenas concluir que [...]>> <<Se se quer tirar uma <<informação>> lição dos eventos [ocidentais...]>>

<Os mais ingênuos não poderão nunca negar que são dois casos totalmente diferentes. Em todo caso, o processo ocidental.>

Assim <o processo que eu analisei> a expropriação dos lavradores no Ocidente serviu para “transformar a propriedade privada e fracionada dos trabalhadores” em propriedade privada e concentrada dos capitalistas. Mas no caso citado se tratava sempre da substituição de uma forma de propriedade privada por uma outra forma de propriedade privada. <Como então esse mesmo processo poderia ser aplicado <<à terra russa>> aos lavradores russos <<cuja terra não é, e nem jamais foi...>> cuja propriedade territorial permaneceu sempre “comunal” e jamais foi “privada”?> <O mesmo processo histórico que <<eu analisei>> tal como ele se realizou no ocidente...> Na Rússia a questão seria, ao contrário, a substituição da propriedade capitalista pela propriedade comunista <os lavradores da terra, o que será evidentemente um processo totalmente [...]>.

Certamente! Se a produção capitalista deve estabelecer seu reinado na Rússia, a grande maioria dos camponeses, isto é, a grande maioria do povo russo, deve ser convertida em trabalhadores assalariados e, por via de conseqüência, expropriada pela abolição preliminar de sua propriedade comunista. Mas, em todo caso, o precedente ocidental não provaria nada sobre isso <em relação à “fatalidade histórica” deste processo>.

¹¹ Esta frase está bastante corrigida no caderno. Sua formulação original era: “Assim, o processo do qual falo veio transformar a propriedade privada e fragmentada – em propriedade capitalista, transformar uma espécie de propriedade em uma outra”.

II) Quanto aos “marxistas” russos que você mencionou em sua carta, eles me são totalmente desconhecidos. Os russos, com os quais eu tenho tido relações pessoais, mantêm, pelo que eu saiba, pontos de vista totalmente diferentes destes que você cita.

III) Do ponto de vista histórico o único argumento sério <que se poderia apresentar> em favor da dissolução fatal da propriedade comunal na Rússia é o seguinte: a propriedade comunal existiu por toda Europa ocidental; ela desapareceu com o progresso social; <porque seu destino haveria de ser diferente na Rússia?> como então poderá ela escapar a mesma sorte na Rússia?¹²

Em primeiro lugar, na Europa Ocidental a morte da propriedade comunal <e o aparecimento> e o nascimento da produção capitalista são separados uma da outra por um intervalo <que se conta em séculos> imenso, envolvendo toda uma série de revoluções e de evoluções econômicas sucessivas, <a morte da propriedade comunal não dava origem à produção capitalista>, cuja produção capitalista é apenas <a última> a mais recente. De um lado, ela desenvolve maravilhosamente as forças produtivas sociais, mas, de outro lado ela revelou <suas características transitórias> sua própria incompatibilidade com as mesmas forças que engendra. Sua história não é doravante, mais que uma história de antagonismos, de crises, de conflitos, de desastres. Em último lugar, ela revelou para todo mundo, salvo os cegos por interesse, seu caráter puramente transitório. Os povos, nos quais ela tomou um grande desenvolvimento na Europa e <nos Estados Unidos da> na América não aspiram mais que livrar-se de suas correntes, substituindo a produção capitalista pela produção cooperativa e a propriedade capitalista por uma forma superior do tipo arcaica da propriedade, isto é, a propriedade <coletiva> comunista.

Se a Rússia se encontrasse isolada do mundo, ela deveria então elaborar por sua própria conta as conquistas econômicas que a Europa ocidental alcançou tendo percorrido uma longa série de evoluções depois da existência de suas comunidades primitivas até seu estado presente. Não haveria, pelo menos do meu ponto de vista, nenhuma dúvida de que suas comunidades estariam fatalmente condenadas a perecer com o desenvolvimento da sociedade russa. Mas a situação da comuna russa é absolutamente diferente das comunidades primitivas do ocidente <da Europa ocidental>. A Rússia é o único país da Europa onde a propriedade co-

munal se manteve em uma escala vasta, nacional, mas, ao mesmo tempo, este país se insere em um contexto histórico moderno, pois a Rússia é contemporânea de uma cultura superior e se encontra ligada a um mercado mundial, onde predomina a produção capitalista.

<É, portanto, a produção capitalista que lhe empresta seus resultados sem que ela tenha necessidade de passar por seus... [...]>

Ao se apropriar dos resultados positivos deste modo de produção, ela está então em condição de desenvolver e transformar a forma ainda arcaica de sua comuna rural em vez de destruí-la. (Eu destaco *en passant* que a forma da propriedade comunista na Rússia é a forma mais moderna do tipo arcaico, que passou ele mesmo por toda uma série de evoluções).

Se os admiradores do sistema capitalista na Rússia negam a possibilidade de tal combinação, que eles forneçam a prova de que, para utilizar-se das máquinas, esse país foi forçado de passar por um período de incubação da produção mecânica! Que eles me expliquem como tiveram êxito para introduzir em seu país em alguns dias, por assim dizer, o mecanismo de troca (bancos, sociedades de crédito, etc.) cuja elaboração custou séculos para o Ocidente?

<Já que o sistema capitalista no Ocidente esteja já envelhecendo, e está se aproximando o tempo em que ele não será mais que uma <<regime social>> <<forma regressiva>> formação “arcaica”, seus admiradores russos são...>.

IV) A formação arcaica ou primária de nosso mundo contém em si, uma série de camadas de diversas idades, na qual uma está sobreposta à outra; da mesma maneira, a formação arcaica da sociedade nos revela uma série de tipos diferentes <que formam entre elas uma série ascendente>, marcando épocas progressivas. A comuna rural russa pertence ao tipo mais recente dessa cadeia. O lavrador possui agora a propriedade privada da casa que habita e do quintal que forma o complemento. Eis aí o primeiro elemento dissolvente da forma arcaica, desconhecida aos tipos mais antigos <e que pode servir de transição da forma arcaica á...>. Por outro lado, estes tipos repousam sobre relações de parentesco natural entre os membros da comuna, ao passo que o tipo ao qual pertence a comuna russa está emancipado desse vínculo estreito. Ela é, por isso mesmo, capaz de um desenvolvimento mais amplo. O isolamento das comunas rurais, a falta de ligação entre a vida

¹² Este parágrafo retorna mais abaixo na seguinte formulação: Do ponto de vista histórico não há senão um único argumento sério em favor da dissolução fatal da propriedade comunista russa. É o seguinte: a propriedade comunista existiu em toda a Europa ocidental; ela desapareceu por toda parte, com o progresso social. Por que unicamente na Rússia ela escaparia da mesma sorte?

de cada uma delas com a das outras, este microcosmo localizado <que teria constituído a base natural de um despotismo centralizado> não se encontra em todas as partes como característica imanente do tipo primitivo, mas onde quer que exista ele faz surgir, sobre as comunas, um despotismo central. Parece-me que na Rússia <a vida isolada das comunas rurais desaparecerá> este isolamento primitivamente imposto pela vasta extensão do território é um fato de fácil eliminação, apenas que os entraves governamentais sejam retirados.

Chego agora ao fundo da questão. Não se poderá dissimular que o tipo arcaico, ao qual pertence a comuna <rural> russa esconde um dualismo íntimo que, dadas certas condições históricas, pode causar sua ruína <sua dissolução>. A propriedade da terra é comum, mas <de outro lado, na prática, o cultivo, a produção é do camponês parcelário> cada camponês cultiva e explora <sua parcela e se apropria dos frutos do seu campo> seu campo por sua conta, tal como o pequeno camponês ocidental. Propriedade comum, exploração parcelizada da terra, esta combinação <que era um elemento (fertilizante) de progresso, desenvolvimento da cultura>, útil nas épocas mais remotas, tornam-se perigosos na nossa época. De um lado, o patrimônio mobiliário, elemento que desempenha um papel a cada dia mais importante na própria agricultura, diferencia progressivamente a fortuna dos membros da comuna e dá lugar a um conflito de interesses, sobretudo sob a pressão fiscal do Estado. De outro lado, a superioridade econômica da propriedade comum – como base do trabalho cooperativo e combinado – se perde. Mas não se deve esquecer que na exploração das pradarias indivisas, os camponeses russos já praticam o modo coletivo, que sua familiaridade com o contrato de artel lhes facilitará muito a transição da cultura parcelizada à cultura coletiva, que a configuração física do solo russo convida ao cultivo mecânico, combinado em uma larga escala <com a ajuda das máquinas>, e que enfim a sociedade russa que por tanto tempo viveu à custa e em detrimento da comuna rural, deve a ela os primeiros avanços necessários para esta mudança. Claro está que, não se trata senão de uma mudança gradual que começará por colocar a comuna em estado normal sobre sua base atual.

V. Deixando de lado toda questão mais ou menos teórica, não é preciso que eu lhe diga que hoje a própria existência da comuna russa está ameaçada por uma conspiração de grupos de interesse poderosos. Certo tipo de capitalismo, nutrido à custa dos camponeses pela interme-

dição do Estado, se defronta face a face com a comuna; esse capitalismo tem o interesse de esmagá-la. Está também entre os interesses dos proprietários fundiários a transformação dos camponeses mais ou menos abastados em classe intermediária¹³ rural, e a transformação dos lavradores pobres – quer dizer, a [grande] massa – em simples trabalhadores assalariados. O que representa trabalho barato. Como então a comuna poderia resistir, se se encontra esmagada pela extorsão do Estado, pilhada pelo comércio, explorada pelos proprietários fundiários e minada internamente pela usura!

O que ameaça a vida da comuna russa não é nem qualquer fatalidade histórica, nem uma teoria: é a opressão promovida pelo Estado e a exploração através dos intrusos capitalistas, que se tornaram poderosos por obra e graça do Estado, à custa e em detrimento dos camponeses.

III

[TERCEIRO RASCUNHO]

Estimada Cidadã

Para tratar a fundo as questões propostas em vossa carta de 16 de fevereiro, seria preciso entrar nos detalhes das coisas e interromper trabalhos urgentes, mas a exposição sucinta que tenho a honra de lhe enviar será suficiente, creio eu, para dissipar todo o mal-entendido sobre a suposta ‘minha teoria’.

I) Analisando a gênese da produção capitalista, eu digo: “No fundo do sistema capitalista há então a separação radical do produtor dos meios de produção...”. A base de toda sua evolução é a expropriação dos lavradores. Mas ela ainda não se realizou de modo radical senão na Inglaterra... mas todos os outros países da Europa ocidental percorrem o mesmo movimento”. (O Capital, Ed. Francesa, p.315).

A “fatalidade histórica” deste movimento está, portanto, expressamente restrita aos países da Europa ocidental <depois a causa.> O porquê dessa restrição está indicado na passagem do cap. XXXII: “a propriedade privada, fundada sobre o trabalho pessoal... será suplantada pela propriedade privada capitalista, baseada na exploração do trabalho de outrem, no sistema do assalariamento.” (I.c., p.340).

Neste movimento ocidental trata-se, portanto, da trans-

¹³ Classe *mitoyene*, classe próxima aos proprietários fundiários.

formação de uma forma de propriedade privada em uma outra forma de propriedade privada. Entre os camponeses russos, pelo contrário, sua propriedade comum teria que ser transformada em propriedade privada. Que se afirme ou que se negue a fatalidade desta transformação, as razões a favor e as razões em contra não têm nada a ver com minha análise da gênese do regime capitalista. O máximo que se poderia inferir é que, dado o estado atual da grande maioria dos camponeses russos, o ato de sua conversão em pequenos proprietários não seria mais que prólogo de sua expropriação rápida.

II) O argumento mais sério que foi apresentado contra a comuna russa se reduz ao seguinte:

Remontando às origens das sociedades ocidentais, encontramos por toda parte a propriedade comum do solo; com o progresso social ela desaparece por completo, transformando-se em propriedade privada; então ela não poderia escapar da mesma sorte somente na Rússia.

Eu não tomarei em conta este raciocínio, senão que < pense no caso da Europa > ele diga respeito às experiências européias. Quanto às Índias Orientais, por exemplo, todo mundo, salvo Sir H. Maine e outras pessoas que são farinha do mesmo saco, sabem que nesta parte do mundo a supressão da propriedade comum do solo não passou de um ato do vandalismo inglês, empurrando o povo nativo não para frente, mas para trás.

As comunidades primitivas não são todas talhadas segundo o mesmo padrão. Seu conjunto forma, ao contrário, uma série de agrupamentos sociais que diferem de tipo e idade e que marcam fases de evolução sucessivas. Um desses tipos, que convencionamos chamar de comuna agrícola compreende também o tipo da comuna russa. Seu equivalente no ocidente é a comuna germânica, que data de época muito recente. Ela não existia ainda no tempo de Júlio César e não existia mais quando as tribos germânicas vieram conquistar a Itália, a Gália, a Espanha, etc. Na época de Júlio César já havia uma repartição anual da terra cultivável entre grupos, entre as gentes e as tribos, mas não ainda entre as famílias individuais de uma comuna; provavelmente o cultivo se fazia também pelos grupos em comum. Sobre o solo germânico, mesmo esta comunidade do tipo mais arcaica se transformou através de um desenvolvimento natural em comuna agrícola, tal como a descreve Tácito. Depois do tempo de Tácito nós a perdemos de vista. Ela pereceu de forma obscura em meio a guerras e migrações incessantes; ela morreu talvez de morte violenta. Mas a sua vitalidade natural está provada por dois fatos incontes-

táveis. Alguns exemplares esparsos desse modelo sobreviveram a todas as peripécias da Idade Média e se conservaram até nossos dias, por exemplo, na minha terra natal, no distrito de Tréveris. Mas, o que há de mais importante, é que nós encontramos pistas desta “comuna agrícola” tão bem marcadas sobre a nova comuna, que se desenvolveu a partir daquela, que Maurer tentando decifrar esta nova, pode reconstruir a primeira. A nova comuna, onde a terra cultivável pertence aos lavradores como propriedade privada, ao mesmo tempo em que os bosques, pastagens, terras desocupadas, etc., permanecem ainda como propriedade comum, foi introduzida pelos germanos em todos os países conquistados. Graças às características tomadas de empréstimo de seu protótipo, ela foi durante toda a Idade média o único lar de liberdade e de vida popular.

Encontramos a “comuna rural” também na Ásia entre os afegãos, etc., mas ela se manifesta em toda parte como o tipo mais recente e, por assim dizer, como a última palavra da formação arcaica das sociedades. É para dar destaque a este fato, que apresento aqui alguns detalhes acerca da comuna germânica.

Precisamos considerar agora os traços mais característicos que distinguem a “comuna agrícola” das comunidades mais arcaicas.

1) Todas as outras comunidades estão baseadas sobre os laços de consangüinidade entre seus membros. Não se pode participar delas, a menos que seja parente natural ou adotado. Sua estrutura é de uma árvore genealógica. A “comuna agrícola” foi o primeiro agrupamento social de homens livres, não ligados pelo vínculo do sangue.

2) Na comuna agrícola, a casa e seu complemento, o pátio, pertencem exclusivamente ao lavrador. A casa comum e a habitação coletiva eram, ao contrário, uma base econômica das comunidades mais primitivas, isso já muito tempo antes da introdução da vida pastoral ou agrícola. É verdade que encontramos comunas agrícolas onde as casas, mesmo que tenham deixado de ser lugares de habitação coletiva, mudavam periodicamente de possuidor. O usufruto individual era assim combinado com a propriedade comum. Mas tais comunas, todavia, traziam ainda as marcas de nascença: elas se encontravam em estado de transição de uma comunidade mais arcaica a uma comuna agrícola propriamente dita.

3) A terra cultivável, propriedade inalienável e comum, é dividida periodicamente entre os membros da comuna agrícola, de sorte que cada um explora por sua própria conta os campos atribuídos a ele, que se apropria para si

dos frutos. Nas comunidades mais primitivas o trabalho se faz em comum e o produto comum, salvo a cota parte reservada à reprodução, é repartido à medida das necessidades de consumo.

Compreende-se que o dualismo inerente à constituição da comuna agrícola pudesse dotá-la de uma vida vigorosa. Emancipada dos vínculos fortes, porém estreitos, do parentesco natural, a propriedade comum do solo e as relações sociais que dela emanam, lhe garantem uma posição sólida, ao mesmo tempo em que a casa e o pátio, domínio exclusivo da família individual, assim como a cultura parcelizada e a apropriação privada dos frutos dão impulso ao desenvolvimento da individualidade, incompatível com <a estrutura> o organismo das comunidades mais primitivas.

Mas não é menos evidente que, com o tempo, este mesmo dualismo pode se tornar um germe de decomposição. À parte de todas as influências malignas vindas de fora, a comuna traz em si mesma seus próprios elementos deletérios. A propriedade fundiária privada já foi infiltrada na forma de uma casa com seu pátio rural que pode se transformar em uma praça forte, de onde se preparará o ataque contra a terra comum. Isso já se tem visto. Mas o essencial é o trabalho parcelário como fonte de apropriação privada. Ele dá lugar à acumulação de bens móveis, por exemplo, de animais, de dinheiro, e por vezes mesmo de escravos ou servos. Esta propriedade móvel, incontrolável pela comuna, sujeita a trocas individuais, onde a artimanha e a casualidade podem agir livremente, pesará cada vez mais sobre toda economia rural. Eis aí o elemento dissolvente da igualdade econômica e social primitivas. Ele introduz, no seio da comuna, uma heterogeneidade de interesses e paixões gerando os conflitos próprios para atacar primeiro a propriedade comum das terras cultiváveis, em seguida a propriedade comum dos bosques, as pastagens, as terras desocupadas, etc., as quais, uma vez convertidas em anexos comunais da propriedade privada, acabarão com o tempo por cair nas mãos desta última.

Como <a mais recente e a> última fase da formação <arcaica> primitiva da sociedade, a comuna agrícola <facilita naturalmente a transição> é, ao mesmo tempo, fase de transição à formação secundária, portanto, representa a transição da sociedade baseada na propriedade comum para a sociedade baseada na propriedade privada. Está claro que, a formação secundária, compreende toda a série das sociedades baseadas na escravidão e na servidão.

Mas quer isso dizer que a trajetória histórica da comu-

na agrícola deve fatalmente conduzir a este resultado? De jeito nenhum. Seu dualismo inato admite uma alternativa: ou seu elemento de propriedade [privada] prevalecerá sobre seu elemento coletivo, ou este prevalecerá sobre o primeiro. Tudo vai depender do contexto histórico onde esteja estabelecida.

Façamos por hora abstração das misérias que pressionam a comuna russa, para olhar apenas para as suas possibilidades de evolução. Ela ocupa uma situação única, sem precedentes na história. Apenas ela, na Europa, constitui ainda a forma orgânica predominante na vida rural de um imenso império. A propriedade comum do solo lhe oferece a base natural da apropriação coletiva, e seu contexto histórico, o fato de ser contemporânea da produção capitalista lhe presenteia de forma pronta e acabada todas as condições materiais do trabalho cooperativo, organizado em grande escala. Ela pode então incorporar a si todas as conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista sem ter que passar pelo jugo caudino. Ela pode gradualmente suplantiar a agricultura parcelizada pela agricultura combinada com a ajuda das máquinas, à qual a configuração física do solo russo parece ser adequada. Após ter sido previamente colocada no estado normal em sua forma presente, ela pode se tornar o ponto de partida direto para o sistema econômico ao qual tende a sociedade moderna e dar nova roupagem sem que seja necessário começar pelo seu suicídio.

<Mas frente a ela se levanta a propriedade fundiária, tendo entre suas garras quase a metade do solo <<sua melhor parte, sem mencionar as terras sob o domínio do Estado>>, e a sua melhor parte. É por este lado que a conservação da comuna rural mediante sua evolução ulterior se confunde com o movimento geral da sociedade russa, cuja regeneração não se obterá senão sob esse preço. <<Mesmo apenas do ponto de vista econômico... >> A Rússia tentaria em vão sair de seu impasse pela via do arrendamento capitalista à moda inglesa, que provoca repulsa de todas as condições sociais do país. Os próprios ingleses fizeram um esforço parecido nas Índias Orientais; mas eles conseguiram apenas deteriorar a agricultura nativa e redobrar o número e a intensidade dos períodos de fome.>

Os próprios ingleses fizeram tais tentativas nas Índias Orientais; e o que conseguiram foi deteriorar a agricultura nativa e redobrar o número e a intensidade dos períodos de fome.

Mas então, que efeito teria a maldição que acompanha a comuna – seu isolamento, a falta de ligação entre a vida de uma com a vida das demais, este microcosmo localizado que até hoje lhe impossibilitou de toda iniciativa his-

tórica? Isso desaparecia em meio a uma comoção geral da sociedade russa.¹⁴

A familiaridade do camponês russo com o contrato de artel lhe facilitaria especialmente a transição do trabalho parcelário ao trabalho cooperativo que ele já pratica em certo grau <nas pradarias indivisas e alguns empreendimentos de interesse geral> na colheita do feno e nos empreendimentos comunais como nos trabalhos de drenagem etc. Uma peculiaridade bem arcaica, verdadeiro pesadelo para os agrônomos modernos, influencia também nesse sentido. Chegando a um país qualquer onde a terra agricultável denuncia os traços de uma divisão estranha, que lhe imprime a forma de um tabuleiro de xadrez composto por pequenos lotes; não existe dúvida, têm-se diante de si as terras de uma comuna agrícola, morta! Seus membros, todavia, sem ter passado pelo estudo da teoria da renda fundiária¹⁵, se advertiram que uma mesma quantidade de trabalho, dispensada em lotes com fertilidade natural e localização diferentes, produzem resultados diferentes. Para <se assegurarem das mesmas vantagens econômicas> igualarem as oportunidades de trabalho, eles dividem a terra em certo número de áreas segundo as diferenças naturais e econômicas do solo e depois, põem-se a dividir novamente essas áreas maiores no tanto de parcelas conforme a quantidade de trabalhadores. Assim, cada qual recebe uma parcela em cada uma das áreas maiores, definidas por sua produtividade. Este arranjo, perpetuado pela comuna russa até nos-

os dias, dispensa dizer, é refratário às exigências agrônômicas <tanto sob o sistema de cultivo coletivo como sob o privado.> À parte de outros inconvenientes, ele necessita uma dissipação de esforço e de tempo. <Mas como ponto de partida para o cultivo coletivo, existem grandes vantagens. Reorganize-se o campo de trabalho do camponês e ele aí reinará como um senhor.> De todo modo, isso favorece <como ponto de partida> a transição ao cultivo coletivo, ao qual ele se parece tão refratário à primeira vista. A parcela [...]

IV

[QUARTO RASCUNHO]

8 de março de 1881.

Estimada Cidadã

Uma doença dos nervos que me ataca periodicamente há dez anos me impediu de responder à sua carta, datada de 16 de fevereiro <que você me fez a honra de enviar.>

Eu lamento de não poder lhe dar uma exposição sucinta, destinada à publicação, <dos problemas> da questão que você <teve por bem> me fez a honra de propor. Há dois meses que prometi um trabalho sobre o mesmo tema ao Comitê de São Petersburgo. Entretanto, eu espero que algumas linhas serão suficientes para retirar-lhe toda dúvida <sobre as conclusões que se tem> sobre o mal entendido a respeito de minha suposta teoria.

¹⁴ O parágrafo que segue e que serve de conclusão para o terceiro rascunho, encontra-se em um papel de carta, com a anotação "Fim". O parágrafo seguinte, que no manuscrito original está cheio de correções e modificações, está antecedido por uma passagem, riscado obliquamente de fora a fora, que corresponde a uma tentativa de resumir o desenvolvimento todo realizado até aqui. Reproduzimos fielmente esta passagem com os trechos riscados, desde que legíveis, para evidenciar o estilo de trabalho do velho Marx:

<Eu não entrei nos detalhes das coisas <<uma vez que eles s>> tive somente que <<determinar>> fazer sobressair, 1) posto que ele não teve mais que>...

<eu não tive senão que fazer sobressair >

<Sem entrar em nenhum detalhe das coisas>

<Limitei-me a destacar alguns traços gerais e a precisar bem>

<1) a colocação> <o lugar histórico que ocupava a comuna agrícola na série de comunidades primitivas; em seguida a situação excepcional da comuna russa que permitiria à >

<2) As grandes facilidades particulares de evolução que possa oferecer à comuna russa do mundo moderno> <particulares> <excepcionais que> <de evolução> <aptidão da comuna russa que a permitiria> <excepcional> <onde se encontra>

¹⁵ Poderíamos imaginar que alguém, olhando Marx escrevendo, por trás de seus ombros, lhe completasse a frase: "... E sem ter lido o *Capital* até o final, ou seja, até a parte VI, do terceiro tomo (*Sobre a transformação da mais-valia em renda fundiária*, que nas traduções brasileiras, estão na penúltima parte do V. Volume, na edição da Abril Cultural, e do VI. Volume, na edição da Civilização Brasileira). Ao que Marx, em 1881, poderia replicar: "Mas eu só publiquei o primeiro tomo do *Capital*, e não disse a ninguém que minha teoria da renda fundiária já estivesse pronta. Aliás, cheguei a comentar que quando a escrevesse usaria a Rússia como exemplo, assim como usei a Inglaterra para o primeiro tomo. Os manuscritos que escrevi sobre isso estão superados, pois correspondem a uma conjuntura específica da minha formação intelectual e são de uma época muito anterior aos meus estudos sobre o campesinato russo!" Ver Malagodi, 1998, p. 282.

1) A análise exposta no “*Capital*” não oferece, portanto, <nada> nenhuma razão que se pudesse fazer valer nem a favor, nem contra a vitalidade da comuna russa.

<Quanto à minha opinião pessoal sobre a comuna russa, a qual tenho estudado durante longos anos em fontes originais – é esta.>

<Após um estudo (realizado ao longo de muitos anos) da comuna russa em fontes originais seguidas durante...>

<Para se ter uma opinião definitiva sobre os destinos possíveis da comuna russa, é preciso ter mais do que vagas analogias históricas. É preciso estudar.> <Eu a estudei durante longos.> <Fiz sobre ela um estudo.>

<Quanto à minha opinião sobre os destinos possíveis da comuna.>

Os estudos especiais que fiz sobre ela, e cujos materiais busquei em fontes originais, me <conduziram a este resultado> convenceram que esta comuna é o ponto <de partida> de apoio natural da regeneração social da Rússia, <para a regeneração da sociedade russa.> Mas <bem entendido, é preciso começar por colocá-la nas condições...> para que ela possa funcionar como tal, seria preciso eliminar primeiramente as influências deletérias que a assaltam por todos os lados, e em seguida assegurar-lhe as condições para um desenvolvimento espontâneo.

(Tradução de Edgard Malagodi e Rogério Silva Bezerra)

